

JOSÉ DE MACEDO

Professor de Ciência Económica na Escola de Construções de Lisboa

O Conflito Internacional

SOB O PONTO DE VISTA PORTUGUÊS

ESTUDO POLÍTICO E ECONÓMICO

EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

JOSÉ DE MACEDO

Professor de Sciéncia Económica na Escola de Construções de Lisboa

O Conflito Internacional

SOB O PONTO DE VISTA PORTUGUÊS

ESTUDO POLÍTICO E ECONOMICO



62999



EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

ÍNDICE

O CONFLITO DAS NAÇÕES

- I—A orientação da politica internacional. Rivalidades étnicas. Alianças heterogêneas. O espirito latino. França e Italia. O imperialismo. Chamberlain. O erro da Alemanha 7 a 17
- II—O predomínio económico da Alemanha. Mercados coloniais e metropolitanos. Companhias alemãs na França. A luta económica da Inglaterra e Alemanha. 17 a 30.
- III—America e Alemanha. A America e as suas vantagens geograficas. Consequências económicas e politicas. O perigo amarelo. A questão do Mediterraneo. A luta politica e económica no oriente europeu. O conflito balcânico 30 a 37
- IV—A guerra balcanica. Suas consequências. Soluções propostas. O desmembramento da Turquia. Ambições surgidas. Territorios em que a Turquia podia expandir-se. A questão do oriente e as rivalidades europeias. Abdul Hamid. Os erros dos jovens turcos. Inglaterra, Alemanha, Arabia e Turquia 37 a 50
- V—Identidade geografica da Asia menor e Balcans. Como a questão balcanica determinou, aparentemente, o conflito armado. Diferença de caracter das nações em luta. A Entente e os imperios retardatarios. Neutralidade e beligerancia. Portugal e a guerra. A dignidade nacional. Portugal e os antecedentes da luta 50 a 55

A POLÍTICA ECONOMICA EM PORTUGAL E A SUA ORIENTAÇÃO

- I—A nossa incapacidade económica. Os vastos recursos que possuímos. Posição de Portugal e a sua influencia económica. Ilhas adjacentes e colonias. A República e a renovação nacional. O nosso comércio nas suas relações com os varios países beligerantes e neutros. Percentagem em que entram. 57 a 62

- II—A Alemanha nas suas relações comerciais com Portugal. Grandes diferenças entre a importação e a exportação. Principais produtos importados. O que nós exportamos. A revista *Nord und Sud*. Observações da *Gazeta de Colonia*. Relações políticas e económicas entre Portugal e Alemanha. Tratado de comércio com a Alemanha 62 a 69
- III—A Espanha e Portugal nas suas relações económicas. Aliança luso-espanhola. As classes activas das nações peninsulares. Interessantes considerações de agremiações espanholas. A imprensa espanhola e Portugal. O nosso comércio com a Espanha. Confronto do intercambio luso-espanhol com outras nações. Harmonia económica e diplomatica. O tratado de comércio. Em que situação está Portugal em relação ao comércio com Espanha. Quadros das mercadorias importadas e exportadas 69 a 79
- IV—A Inglaterra no nosso comércio. Importações e exportações. Principais produtos exportados. O nosso comércio de vinhos. O vinho do Porto. Estacionamento deste comércio. Nações para onde remetemos o vinho do Porto. A questão vinicola e o tratado do comércio. O célebre artigo 6.º. Sua má redacção. Os vinicultores do norte e os do sul. Conflitos de interesses. Falsos vinhos do Porto. Motivos do seu descredito. Anomalias do tratado de comércio com a Inglaterra. Mercadorias que recebemos do Reino Unido. Eloquentes confrontos de números. Necessidade de serem bem apreciados estes números por sermos privados dos mercados alemães e austriacos 79 a 94
- V—O mercado do Brasil e a sua superioridade. Numeros que o provam. Os nossos vinhos e o Brasil. Vantagens da sua exploração. Outras mercadorias que exportamos. Faltas cometidas. Um inquerito notavel sobre a expansão do comércio português no Brasil. A falta duma marinha mercante. Uma proposta importante guereada. A União de Agricultura Comércio e Industria e o seu trabalho patriótico. Influencia da criação da marinha mercante. Objecções insustentaveis. Exemplos de nações estranhas. Razões da nossa vantagem no Brasil 94 a 105
- VI—A nossa emigração. Desorientação dos governos. O caciquismo politico e a emigração. Inferioridade do nosso emigrante. Anomalias. Quadro geral da nossa emigração. Terras portuguesas donde mais se emigra. Relação entre a densidade e a emigração. Será a emigração um mal? Análise desta questão. Erros perigosos 105 a 109
- VII—O plano de desviar a nossa emigração do Brasil. Perigosa quiméra. As vantagens da emigração para o Brasil. Estatísticas eloquentes. Importancia numerica da nossa colonia no Brasil. Como se prova com exemplos alheios

- as dificuldades de desviar a emigração. Emigração inglesa, alemã, italiana, belga, espanhola, etc. Predomínio dos emigrantes em certos centros económicos. Como o bem estar influe na emigração. A Alemanha. A lei geral de emigração. A politica da República neste assunto 120 a 133
- VIII—Fenomenos correlacionados. A demografia e a emigração portuguesa. O nosso problema demográfico. Exemplos frisantes. Emigração de capitais e de gente. Influencia da emigração nos recursos financeiros. A população portuguesa no continente da Europa e ilhas adjacentes. Constante crescimento. Numero de habitantes em varias épocas da nossa historia. Como tem atuado a emigração. Responsabilidade dos governos na falta de plano quanto a este assunto 133 a 142
- IX—O desbarato da nossa vida económica. A crise do *ultimatum*. O pé de meia. Aumento da nossa propriedade edificada. Calculo da Associação Comercial de Lisboa. A importancia da nossa imigração de capitais. O outro remetido do Brasil. Qual é, rigorosamente, a população portuguesa no Brasil? D. Carlos I e o seu numero. Calculo do sr. José Barbosa. Tentativa para obter o seu cómputo. Remessas de dinheiro dos nossos compatriotas. Variedade de opiniões. Os Estados Unidos e a emigração das ilhas. Confronto com as riquezas do tempo de D. João V e D. José. A emigração é a nossa melhor industria. O Brasil é a nossa melhor *colonia*. O turismo e os recursos que nos fornece. Como nós intervimos na economia brasileira. Valorisar o animal homem. Necessidade de bons estadistas. O valor da nossa propriedade. Falta de cadastro. O nosso engrandecimento económico. Os congressos regionais 142 a 156
- X—O problema português e a sua complexidade. Riqueza e economia. Politica hydraulica. O crédito. A nossa situação económica ao rebentar a guerra europeia. Falta de plano de trabalho. O porto de Lisboa. A rede radiografica. As associações economicas. Os serviços consulares. *A Academia de Comercio de Exportação*. As nossas escolas profissionais. Caixeiros viajantes. O *deficit* da nossa balança de comercio. A nossa balança económica. Industrias nacionais. A conferencia comercial de Paris. Como perdemos a nossa tradição historica. Deve ser esclarecido o problema económico português. Metropole e colonias 156 a 166

O PROBLEMA COLONIAL E AS INFLUENCIAS INTERNACIONAIS

- I—A febre colonial. Lutas de mercados. Nações em luta económica. A Ásia, a Oceania e a África. Como o nosso país interveiu na contenda. A nossa ignorancia colonial. Influencia da Sociedade de Geografia. Plano do desmem-

- bramento das nossas colonias. O acordo anglo-alemão. Um pouco de historia colonial contemporanea. O tratado franco-germanico e Angola. Tendencia para aproximações politicas. Dignificação das colonias 165 a 178
- II—A alienação das colonias. A revolução republicana e avanço nacional. Completa esterilidade colonial no govêrno provisorio. A República ainda não foi proclamada nas colonias. A nomeação de governadores. Angola e as dificuldades dos seus problemas. O parlamento e as colonias. Os estudos coloniais. Companhias de colonisação. Exemplos historicos . . . 178 a 189
- III—O doutrinarmismo economicó e as colónias. Como as colónias são prejudicadas. O novo imperialismo e os seus perigos. A luta entre o livre cambismo e o proteccionismo. Um preconceito economicó. A Índia e a sua exploração. A porta fechada. Resultados prejudiciais da sua applicação. Ensinamentos de Inglaterra. O poder colonial de Espanha. O pacto colonial. O regime de porta aberta em Angola. Diferenciações geograficas. A Alemanha e Angola. O erro do temor da desnacionalisação colonial 189 a 203
- IV—As leis orgánicas das colónias. Os partidos politicos e as colónias. Princípio constitucional. Critérios constitucionais discutiveis. Autonomia financeira e colonial. A forma federativa. Moçambique e Angola. Escolhas de governadores. Orientações diferentes. Os governadores republicanos. O critério imperialista da República. *Portugal maior!* O exemplo da Alemanha. O Imperio do Atlantico. Seus defeitos. Exemplos mal applicados. Federaçào do Atlantico. Diferenças fundamentais das colónias no Atlantico . . . 203 a 225
- V—Capitais estrangeiros nas colónias. A companhia de Lunda. Deficiência dos seus recursos. Como deveria organizar-se. A desnacionalisação e os capitais estrangeiros. Grandes iniciativas dos portugueses. Os capitais estrangeiros na valorisação de várias nações. O petróleo em Angola e a sua falta de exploração. O caminho de ferro do Lobito a Catanga. As colónias e os alemães vencidos. Não deve cometer-se um grave erro economicó. 225 a 234
- VI—A questão indigena depois da guerra. Ignorância da gravidade deste problema. Os vários componentes étnicos nas colónias. Desconfianças profundas. Exemplos estranhos. Negros e mestiços e as suas qualidades morais e intellectuais. Ódio de raça. O trabalho escravo. O escravo negro. Remessas de escravos. Os bispos e os governadores. Baptismos em *lotes*. A República e a questão do trabalho colonial. *Sociedade Anti-esclavagista Portuguesa*. Devem findar os motivos de desinteligência 234 a 242
- VII—O regime militarista nas colónias. Expedições e fomento. Ocupações coloniais. Insucessos sucessivos. Improficuidade de acção militar. Administração

civil feita por militares. A ocupação pelo caminho de ferro. Angola e a administração metropolitana. Aversão do indígena pelo militar. A Alemanha e os caminhos de ferro coloniais. O caminho de ferro do Cabo ao Cairo. Os nossos caminhos de ferro coloniais. No futuro graves problemas se debaterão nas colonias. Resolve-os-êmos convenientemente? . 242 a 246

AS DESPEZAS MILITARES NA PAZ E NA GUERRA E AS CIRCUNSTANCIAS FINANCEIRAS DE PORTUGAL

- I—Resultantes do conflito internacional. Aniquilamento de riquezas. Os sonhos de paz. Novos aspectos da história. Como o número de homens em luta é enorme 247 a 250
- II—A força armada e a vida dos estados. A paz armada. Como se atingiu o máximo. As despesas da guerra desde 1869 a 1910. Factores históricos do progresso dos armamentos. Alemanha e França, frente a frente. O imperialismo e a democracia. Motivos geográficos dos armamentos alemães. República e defeza nacional. Como a República portuguesa encara o problema. Jaurès e *L'armée Nouvelle*. Opiniões de vários militares sobre a democracia e o exército. O triunfo das ideias democráticas . . . 250 a 263
- III—A Inglaterra e as suas despesas militares. Como o inglês é naturalmente um marinheiro. Aumenta, contudo, as suas despesas de exército de terra. A Rússia e os seus sacrificios militares. Necessidade de se preparar para a defeza. Alemanha. Seus aumentos constantes. Tentativa de outras nações para a limitação de armamentos. A Itália e as suas despesas militares. A Itália e a Triplice. A unidade italiana. Espanha e os seus encargos . . . 263 a 273
- IV—As pequenas nacionalidades e as despesas da guerra. A Bélgica e a Sérvia. Previsões que se realisam. A Alemanha e a Bélgica. A integração da Bélgica, Holanda, Dinamarca e norte da França na confederação germânica. Razões geográficas. A Suíça e a sua organização militar modelo. Uma nação que se impõe moralmente. A Holanda. A Grécia e o erro do seu rei. Como renasce um povo. Como um povo é vitima dum rei. A Romania e a Bulgária. A Turquia e os povos danubianos. A questão do oriente ainda. Os escandinavos. Nações democráticas vitimas dessas despesas militares. De 1858 a 1910. Como tais despesas influíam no depauperamento da Europa. A América e o Japão 273 a 289
- V—De 1910 a 1914. Despesas de guerras anteriores. O enorme dispêndio da guerra actual. A França e a Inglaterra. Os seus créditos de guerra. Os outros estados beligerantes. A Alemanha e a sua situação financeira. Várias estatísticas 289 a 305

- VI—Portugal e seu exército. Gravidade da nossa situação militar nos tempos monárquicos. Nos primeiros tempos do constitucionalismo. Despesas militares em Portugal desde 1851. Percentagens eloqüentes. Exército e Marinha. 305 a 312
- VII—As despesas gerais e as de guerra em Portugal. Graves declarações na câmara dos pares. O porto de Lisboa sem defesa. Gomes Freire de Andrade e a sua obra. Generosas afirmações dum grande patriota. Como o integralismo lusitano amesquinha esta grande figura da nossa história. Antecedentes militares de Portugal. Como os profissionais encaram o problema 312 a 323
- VIII—No mar. Penúria da nossa marinha de guerra. A nossa tradição marítima. O plano naval de D. Diniz. A decadencia e suas causas. O que era a marinha no tempo da monarquia segundo o sr. Aires Ornelas. Marinheiros que honram a República, defendendo-a. Exemplos nobres a registar. O plano do almirante Julio de Castilho 324 a 334
- IX—A nossa administração financeira e a defesa nacional. O estado geral do mundo politico — Dívidas dos vários estados, quando foi proclamada a República. — Confronto com Portugal. A nossa história financeira. Uma época má. Crise económica e financeira e os erros politicos. Os nossos encargos da divida pública. O déficite orçamental no periodo constitucional. A administração republicana. Como a República encarou a defesa nacional 334 a 365

PORTUGAL E AS SUAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

- I—As alianças. A nossa aliança com a Inglaterra. A nossa orientação diplomática. Variações na politica internacional. Rivalidades internacionais e as suas influencias na constituição das alianças. Inglaterra, a França e a Rússia. *Entente cordiale*. Uma carta do autor ao ministro dos estrangeiros. A Inglaterra e o seu procedimento para conosco. O hinterland angolense e o convénio anglo-português. Como o espirito imperialista influia na depressão moral. Oliveira Martins aprecia a aliança inglesa. Como a Alemanha nos pretendeu humilhar com a sua nota. Vassalagem de Portugal! Como os nossos homens públicos têm tratado com a Inglaterra. Robert Peel e Portugal. Várias opiniões contra a aliança com a Inglaterra 367 a 386
- II—O que devemos à aliança inglesa. Não há subalternização. Os reaccionários e a aliança com a Inglaterra. A lealdade inglesa. A opinião de Bruno de que não existia aliança com a Inglaterra. Alguns factos explicados. Pouca importancia do factor dinastico. Aliança por escrito. Como se portaram conosco outras nações. Inglaterra, Espanha e Portugal. Consequencia para Portugal do triunfo alemão. 386 a 394

- III — Fantasias internacionais. A nossa falta de preparações. Política de alianças. A Espanha e a nossa situação peninsular. Aliança com a Espanha. Como varios homens públicos espanhoes se tem comportado para com Portugal. Moret e a sua conferencia sobre a República. A imprensa espanhola e Portugal. Identidades portuguesas e espanholas. Falta de logica dos temores à Espanha. Não convem à Espanha a conquista de Portugal. Um discurso de Passos Manoel sobre a união de Portugal à Espanha. Candidatura de D. Fernando ao trono de Castela e Castelar. Weyler e D. Modesto Navarro. O exemplo de 1580. Diferenças de circunstancias. O Duque de Bragança e a sua attitude perante o rei de Castela. Febo Moniz, a nobreza e o clero. Um inquerito jornalístico em Espanha. Opiniões de varias personalidades espanholas. Um artigo de *El Imparcial*. A politica brigantina. A importancia da aliança ibérica e sua influencia na America. A latinidade e a aliança ibérica 394 a 408
- IV — Vastidão do grande conflito. Na America, na Ásia, na Oceania. Como os povos latinos influirão na contenda. Povos republicanos e povos com monarchia. Como a Alemanha pretendia prejudicar-nos. Testemunho de Teofilo Braga. A declaração do govêrno Bernardino Machado. Portugal na guerra. *A Marselheza e a Portuguesa*. A espionagem alemã em Angola. Os destinos do mundo estão-se decidindo na Europa. Naulila e Cuangar. O folheto de João Chagas. Incertesa. Os franceses e os portugueses e a República. Prisão do sr. Leote do Rego. Como eram tratados os portugueses na Belgica pelos alemães. A Revolução de 14 de Maio e sr. Rosen. Como as eleições resolveram o problema da guerra 409 a 420
- V — Varias fases da nossa intervenção na guerra. Sessões historicas do parlamento republicano português. O povo e a guerra. Embaraços que surgiram. Nobres palavras do sr. Pereira d'Eça. Não podiamos ser neutros. Antonio José de Almeida, Brito Camacho e Afonso Costa. Os nossos interesses. Palavras dum diplomata. João Chagas e o seu folheto. O movimento das espadas. O sr. Pimenta de Castro e o seu germanofilismo. O seu livro e as revelações que contem. A declaração de guerra. Apreensão dos navios alemães segundo criterio alemão. Os nossos ministros em Londres. A sua obra patriótica. Em guerra! A missão do parlamento. O patriotismo nacional 420 a 431
- Em resumo*, 433 a 434

ERRATA

O autor não costuma pôr nota de erratas no fim do volume. É natural que haja algumas a fazer mas as pessoas que lerem o livro saberão corrigi-las na altura propria, principalmente com os dados do proprio livro.

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASÇENÇA PORTUGUESA»,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 173,
AOS 14 DE AGOSTO DE 1916.